

A técnica e a “fortuna” do homem

Vilso Júnior Chierentin Santi¹

Resenha de: RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica:**
Prospectos acerca do futuro do homem. Porto Alegre: Sulina, 2006. p.247.

Segundo os apontamentos de Rüdiger (2006), cabe a Protágoras a afirmação que funda a ideia de Ocidente segundo a qual “o homem é a medida de todas as coisas”. Com Kant, já no período clássico, instaura-se plenamente o pensamento humanista moderno e a pergunta fundante passa a ser: afinal, o que é o homem? Nietzsche, um século mais tarde anuncia a chegada do além do humano instalando, antes de Heidegger, um campo de pensamento trans-humanista ou pós-humanista.

Uma derivação pós-moderna dessa última ideia encontra-se hoje nos porta-vozes da tecnocultura, segundo os quais o sujeito humano será sublimado pela máquina e convertido em organismo cibernético, inaugurando uma outra forma de existência. Nessa problemática, conforme Rüdiger (2006), Heidegger situa-se no meio do caminho, dá um passo aquém em relação à pretendida superação da metafísica, ao mesmo tempo em que rejeita posicionar-se a favor do super-homem se utilizando da metáfora muito mais para tentar pensar um novo começo para a humanidade.

Tais termos pautam o trabalho de Rüdiger (2006) que, em *Martín Heidegger e a questão da técnica*, objetiva examinar criticamente o pensamento heideggeriano sobre a técnica e sua vinculação histórica e filosófica com a “fortuna” do homem. Na obra o autor se propõe a reconstruir o pensamento heideggeriano sobre a técnica, prestando especial atenção ao confronto dessas ideias com a chamada tecnocultura, com vistas a propor um entendimento objetivo e ao mesmo tempo alternativo da questão proposta pelo filósofo – “uma proposta claramente anti-heideggeriana”, diz Rüdiger.

Segundo os apontamentos do autor, na modernidade a técnica encarnada no homem e, sobretudo na máquina, tornou-se o signo mais aparente da relação do humano com o mundo e a força a partir da qual procura se articular a sociedade contemporânea. Assim,

¹ Jornalista, Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: vjrsanti@yahoo.com.br

pensar a técnica através de Heidegger significa explorar as hipóteses mais extremas em curso nesse contexto e indagar de onde provém seu imperialismo planetário.

Para Heidegger, nesses tempos, o ser humano está a ponto de se apoderar, via tecnicidade, da totalidade da terra e de sua atmosfera e isso, no seu extremo, pode significar uma passagem histórica para o seu término. Técnica e cultura, portanto, não se opõem de maneira mecânica na visão heideggeriana, mas interagem de maneira dialética. A técnica, aponta, é o saber posto em prática de forma mais ou menos imediata (na ação) ou de forma mais ou menos alienada (na máquina). E, a cultura é o elemento criador desse saber, a força que transcende a ação corporal e a operação maquinística. Por isso, ao invés de se falar em cultura tecnológica e/ou indústria cultural, nessa abordagem, talvez seja mais correto falar em imaginário tecnológico, já que a técnica não é apenas operatória e também possui um cunho metafísico – uma das teses seminais de Heidegger.

Rüdiger (2006) revela no transcurso do seu livro que a questão do ser e o seu destino no Ocidente sempre foi a preocupação central de Heidegger em seus escritos. A questão da técnica neles só aparece porque ela se converte num desafio primordial à crítica da metafísica e ao destino do ser humano proposto pelo autor. Tal origem da problemática nesses termos é o que o autoriza a proclamar de imediato que a essência da técnica não tem nada de técnico. Então, ao dissertar sobre a técnica, Heidegger trabalha metodologicamente no interstício do conhecimento operatório e do saber reflexivo. Ele não apenas distingue conhecimento de reflexão, como também entende a técnica como sinônimo de conhecimento operacional, e a tecnologia como o título conferido ao “ente” quando ele é perpassado pela essência da técnica moderna.

Tecnologia é, portanto, uma forma de interpretação do “ente” essencialmente comprometido com a técnica em nosso tempo. Ela não é uma coisa. Trata-se antes de uma forma de revelação da existência e de um princípio de construção do mundo. A tecnologia “forma” uma época. Expressa um modo de ser e “abre” um mundo na medida em que é a correspondência entre um processo de posicionamento da realidade e uma forma de pensamento.

Na presente obra, Heidegger é definido genericamente como o pensador do problema ou da questão da técnica. Nele, o problema essencial da técnica é o que ela coloca ao futuro do ser humano – o destino do ser humano para além da forma e do sentido como ele foi definido no Ocidente. Essa forma de pensar, que para o autor é ocidental, moderna e agora globalizada (imperialismo técnico planetário), postula num primeiro momento o

esquecimento completo do ser em um mundo cada vez mais tecnológico e depois a submissão do pensamento a um conjunto de princípios que a tudo ordena em acordo com o aplicado às máquinas. Em última análise, o recado do autor é que a modernidade apoia seu mundo na técnica e, por sua vez, técnica dos tempos modernos é definidora de uma época, já que diz respeito a um modo pré-decidido de interpretação do mundo que define todas as atitudes do homem.

Porém, Heidegger alerta que essa verdade não é absoluta, basicamente porque a técnica não depende do homem. Depende antes da interpelação do homem por algo que ele não se assenhoreia; depende de sua apropriação de um poderio que embora emane do ser impõe-se como destino; depende, portanto, de uma consumação metafísica – de uma estrutura mutável por meio da qual ocorre o sentido da existência em geral e os sucessivos e diferentes modos de ser da humanidade histórica. Não depende mais exclusivamente do princípio da representação, mas sim do que o autor chamou de armação – um outro princípio de instituição do ente.

Em *Martin Heidegger e a questão da técnica* é pela armação que a máquina começa a se impor como “chamamento” do homem moderno. No tomo a armação é, em essência, um processo de posicionamento do ser – o sentido e a essência historial da técnica moderna (tecnologia). A tecnologia, portanto, vincula ou articula o modo de ser da humanidade se apoiando numa vontade de apoderamento generalizada que submete a vida e o homem ao cálculo. Nesse contexto, o ser entra em eclipse e a expansão racional das capacidades tecnológicas se desenvolve de acordo com uma crescente insatisfação das condições vitais de existência, arrastando a humanidade para a servidão incondicional à tecnologia maquinística.

A técnica sugere, então, que tudo é imediato, que tudo aparece. E a armação, responsável por este “chamamento”, acaba articulando a submissão do ser da representação ao estágio ou à época da simulação, inaugurando de fato um novo império (Ge-Stell). O império da falta de distância. A armação é, portanto, um modo de ser, e o ser, em última análise, a essência da armação. Mas não é só isso, ela também pode ser tomada como um outro e novo modo de interpelação do existente; como uma figura historial que aponta em um sentido pós-humano; e/ou como um evento que transcende a metafísica da presença e o pensamento da representação.

Nesses termos parece claro que a ultrapassagem para a armação, postulada por Martin Heidegger e assinalada por Francisco Rüdiger em seu livro, necessita ser preparada pelo pensamento, o que demonstra um grande perigo. O perigo do completo esquecimento do

que vem a ser humano. Nessa ultrapassagem da metafísica da representação à da armação, portanto, não está em jogo apenas o modo de ser, mas a própria existência da humanidade.

Porém, fica claro também no volume que a armação não é um destino no sentido de fatalidade totalmente ordenada, porque pode ser superada. Pois, a essência da técnica ainda é posta na conta do ser com base na premissa de que a linguagem é a primeira dimensão originária dentro da qual o ser humano se coloca em condições de corresponder ao ser e seu apelo. Em suma, a técnica não é só um plano que o homem projeta, mas também não é algo que exclusivamente projeta o homem. Há, portanto, algo de metafísico na técnica moderna.

Para Heidegger a técnica não é, em essência, uma espécie de atividade ou conduta. Trata-se antes de um tipo de saber vinculado ao desenvolvimento da metafísica como fundamento de toda a história do ocidente a partir da Grécia antiga. A técnica nesse sentido seria veículo de um modo de ser e, portanto, menos uma forma de pensar do que um elemento da correspondência histórica entre ser e pensamento. Assim, se pode dizer a partir da leitura de Rüdiger (2006) que a técnica se funda na história da metafísica e só existe como tal a partir do momento que começa a ser pensada. Por isso a técnica em si mesma é sempre algo que, originariamente, aparece em adição e que intervém em processos que têm curso natural como, por exemplo, na atualidade, na corrida rumo à meta de produzir o humano tecnologicamente.

Segundo o autor, esse processo evolutivo da metafísica da técnica leva, em última análise, ao apagamento daquela pergunta inicial, pelo ser, e ao esquecimento da preocupação com os entes. A técnica dos tempos modernos ocidentais passa a ser a resposta certa e certa para problemas sobre os quais não mais medita ou formula o humano. A vida passa a ser gerida pelo modo tecnológico e o homem a ser tomado como matéria possível de todo tipo de cálculo ou operação, onde o sentido se reduz ao exercício de poder e ao controle da existência, e a subjetividade é primeiro "tranquilizada" para depois ser posta a funcionar de maneira constante e regular.

Resumidamente, conforme Francisco Rüdiger em *Martin Heidegger e a questão da técnica*, pode-se afirmar que a tecnicidade, ou a armação, reduz o mundo a um estoque de recursos (reserva) onde o matemático, ou o elemento do cálculo, corresponde ao que em relação à técnica acabará sendo chamado de armação. A armação, junto com a conversão do homem em sujeito, acaba então por converter o mundo em imagem, ou

seja, a conversão do homem em sujeito se equivale à metamorfose do mundo em imagem.

No limite dessa constatação já se postula a passagem de uma era baseada na representação para outra baseada na simulação, na qual a imagem ao invés de lidar com a realidade, a faz existir artificialmente. A imagem se converte ela mesma no material com que a experiência se articula maquinalmente – o problema não tem a ver então com a cópia da realidade, mas com a criação de um modo que não tem origem na realidade.

Conforme Heidegger, a conversão do homem em sujeito, das coisas em objetos e do mundo em imagem não é obra do homem, mas uma reviravolta na história da metafísica. No entanto, esse homem assentado na técnica primeiro procura colocar à sua disposição a totalidade do ente como representação. Porém, como essa representação depende cada vez mais da técnica maquinística e ainda depende da metafísica, ela escorrega para o plano da imagem e do artefato gerados por essa técnica – conforme os termos da armação.

É flagrante, dessa forma, que Heidegger, estritamente, não pensa a tecnologia em seus próprios termos. Para ele a tecnologia não pode ser entendida tecnologicamente. Sua meditação não se ocupa da técnica mesma, mas antes da essência da técnica, a qual não é uma maquinação meramente humana, que poderia ser dominada pela soberania humana, desde que dada à disposição moral adequada. Em Rüdiger (2006), entender a questão da técnica conforme propõe Heidegger, significa então entender que a essência da técnica aciona uma relação entre o ser e o homem. Ela, apesar de estar conectada ao fio condutor greco-romano, que toma a técnica como uma forma de revelação, é, para o autor, um processo ou uma forma de revelação da verdade, que mora no ser, a luz da tradição formadora do ocidente.

Pode-se dizer, desse modo, que a técnica moderna e o seu império tecnológico são comandados no sentido de encomenda. Comando, aqui, diz respeito à base essencial da dominação. Ele não é feito dela e decerto é mais do que uma forma de exercer dominação. Sob “encomenda” a armação é um chamamento que não apenas promove a técnica, mas lhe dá outro sentido, pois introduz na atividade humana os conceitos de processo, regularidade, asseguramento, padronização e disponibilidade; e o maquinismo não seria causa dessa forma de interpelação, mas, antes, seu efeito.

Para Heidegger a armação é, pois, a reunião, o conjunto de todas as formas de posicionamento que se impõe ao ser humano. Ela é a essência da técnica moderna

(tecnologia) e denomina o tipo de descobrimento que rege essa técnica. A armação, portanto, conduz ao acabamento do pensamento poético, e a técnica habitante do homem tende a se converter na única via do pensamento. Assim, conforme os postulados, o problema provocado pela armação é o de ela encobrir ou esconder o ser de tal forma que, via máquina, acabe pondo em risco o que faz do homem humano.

Vendo bem, diz Rüdiger (2006), a técnica não é a essência própria do ser humano, mas figura de sua essencialização histórica. Originalmente ela constitui veículo de sua revelação no pensamento – na Grécia, a técnica correspondia a um pensamento poético; e na modernidade, a um pensamento que podemos chamar de tecnológico (por obra da armação). A técnica, nessa fase, passa então por um processo de reinterpretação devido à eclosão no ente de um novo princípio de apropriação e pensamento – a armação.

Assim a apropriação do ente, antes caracterizada pela metafísica da representação, passa a ser também fruto da apropriação que provém da armação tecnológica. Porém, tal apropriação, que instala a metafísica da armação, só vai ser revelada por contraste com a anterior, da representação. Segundo Heidegger é, portanto, a fenda aberta entre esses dois eventos que permite meditar sobre o perigo supremo que ronda o ente chamado homem. Para o autor tal perigo não está vinculado estritamente ao esquecimento do ser, mas, antes, ao esquecimento do que é a própria humanidade.

A questão fundante, então, em *Martin Heidegger e a questão da técnica* não está relacionada ao domínio total da técnica ou ao seu subjugar absoluto, mas vinculada à compreensão de que em última instância a sua essência remete ao próprio modo de ser do homem, onde, assim como podemos nos reduzir a sua forma de pensamento, podemos também estabelecer uma relação mais livre com ela ao nos abirmos a outros modos de ser. Nesses termos, conforme Rüdiger (2006), a revolução tecnológica em curso é perigosa não porque pode fazer o pensamento a ela correspondente se tornar único, mas porque, com ela, o próprio pensar (e junto com ele o humano) pode desaparecer da face da Terra.

Assim, pode-se cogitar, seguindo os passos de Heidegger, que a essência da técnica talvez já não seja mais o ser humano e que a armação, quem sabe, não seja apenas um modo de ser humano – mas, uma nova forma de apropriação do ente, cujo sentido final pode ser a sua conversão em um organismo cibernético ou maquinístico. Nesse interstício especulativo, pode-se perceber que a condição humana do ser começa a ser eclipsada pela armação – a partir do aparecimento do pensamento maquinístico.

Tensionado pela armação, o pensamento nesse momento passa de técnico a tecnológico antes de ser informático e cibernético.

O pensamento cibernético, por sua vez, projeta um mundo em que o próprio pensamento se submete à fantasia de uma completa formalização, em que o pensamento começa a se informatizar passando a atuar automaticamente. O maquinar cibernético representa então uma interpelação do homem como eixo de processos funcionais e circulares, colocando o humano entre os pólos do animal irracional e da máquina racional.

Assim, a cibernética prepara para Rüdiger (2006) a eventual supressão do homem como ser humano. A superposição da linguagem técnica e artificial à língua de tradição ou natural, assim como o surgimento da inteligência artificial e da sublimação maquinística do pensamento, são, para o autor, mostras significativas do avanço da armação rumo à cibernética. Porém, é importante frisar que Heidegger considera que o processo de informatização da existência pode não ser exequível totalmente, considerando sua pretensão de programar ou mesmo automatizar o pensamento. Para o autor, o pensamento e a palavra, são originalmente poéticos, criadores de mundo e, portanto, doadores de sentido à existência. Assim, o pensamento representa um elemento que enquanto existir será sempre uma espécie de limite extremo, se não um meio de dar um contragolpe no universo maquinístico.

Convém ainda lembrar, conforme os preceitos do autor, que a tecnologia só avança movida por algo que não é técnico – a armação; que o poderio que ela confere é resultado de um “chamamento” feito ao ente para pensar tecnologicamente; e que em última instância a tecnologia maquinística moderna não é nada materialista, mas algo plenamente ligado ao espírito. Nesses termos, o pensamento tecnológico só pode visar à sublimação maquinística do humano porque está intimamente entrelaçado com uma atividade criadora de caráter imaginário e metafísico.

Então, não seria exagero afirmar a partir das considerações de Heidegger e dos ensinamentos da obra de Rüdiger (2006) que o poderio da técnica moderna é um poderio humano necessariamente alienado, pelo qual o que está ao alcance do homem é tanto pensar livremente a era da técnica, quanto estabelecer com ela uma livre relação. Nesse sentido, acreditamos conforme os autores, que a contemplação reflexiva e a aceitação existencial da armação poderiam abrir um rico caminho de acesso ao que é próprio do homem.

Nesse sentido, precisamos entender que o pensamento redentor para o humano não é o que se opõe à técnica, muito menos o que a sustenta, mas o que a vigia e a mantém no seu extremo pensando-a junto com o perigo supremo da aniquilação da espécie humana pela máquina. Aceitar essa proposta significa o ingresso numa nova rota cuja etapa inicial seria meditar melhor sobre a essência originária da história do homem, com vistas à aquisição de uma relação mais adequada com a própria humanidade.

Conforme Rüdiger (2006), portanto, Heidegger, como o filósofo da alienação maquinística, constitui-se um visionário genial que promove uma meditação antecipatória sobre o futuro da técnica e do homem. Para ele o problema da técnica não é a técnica, mas o próprio ser humano que interpelado pela armação se encontra sujeito a um imperialismo tecnológico tornado planetário.

Técnica, então, precisa ser tomada como motivo de uma questão histórica relativa ao destino do ser humano (pensar reflexivo) em contraponto ao primado da modernidade que se caracteriza por fazer da falta de meditação sobre seu sentido o padrão de medida da técnica. Nesses termos, diz Rüdiger em *Martin Heidegger e a questão da técnica*, a concepção puramente técnica do mundo não passa de uma fantasia utópica, porque convertido em máquina o mundo não seria mais humano – e sim pós-humano.